

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA MARXISTA PARA A EDUCAÇÃO: CRÍTICA AO CURRÍCULO PÓS-MODERNO E SUAS LIMITAÇÕES NA FORMAÇÃO DOS ESTUDANTES PARA A EMANCIPAÇÃO HUMANA

Eixo: Marxismo, educação e luta de classes: desafios históricos e urgências contemporâneas

Ancelmo Machado Miranda Bastos¹
Geisa ferreira dos santos²

Resumo

Esse trabalho surge a partir de leituras e estudos sobre educação e formação humana e tem a intenção de discutir alternativas teórico-metodológicas que possam contribuir para uma pedagogia que participe de forma efetiva na emancipação humana, pois o que se percebe de forma amplamente dominante são teorias pedagógicas fundamentadas por concepções teóricas que tem em sua raiz a promoção e manutenção do modelo capitalista com todas as suas contradições e perversidades. Partiremos de uma pesquisa bibliográfica amparada no materialismo histórico, na qual analisaremos os clássicos Marx (1986; 2000), Frederich Engels (2000), Pistrak (2002) e Suchodolski (1997) e os contemporâneos Saviani (1994, 2007) Mézáros (2005), Duarte (2007), Tonet (2008). Assim buscamos aqui discutir de forma fundamentada a possibilidade uma concepção teórica crítica que supere essas teorias dominantes que não tem dado conta de compreender e superar as crises da escola e da sociedade como um todo.

Palavras-chave: Educação, Emancipação Humana, Cidadania

Resumen

Este trabajo surge de las lecturas y estudios sobre la educación y el desarrollo humano y tiene la intención de discutir las alternativas teóricas y metodológicas que pueden contribuir a una pedagogía que participen efectivamente en la emancipación humana, por lo que percibe son las teorías de forma ampliamente dominantes pedagógica fundamentada en conceptos teóricos que tienen su raíz en la promoción y el mantenimiento del modelo capitalista con todas sus contradicciones y perversidades. Se iniciará a partir de una literatura apoyada en el materialismo histórico, en el que se analiza el Marx (1986, 2000) clásico, Frederich Engels (2000), Pistrak (2002) y Suchodolski (1997) y Saviani (1994, 2007) Mezaros (2005) Contemporary Duarte (2007), Tonet (2008). Así que aquí tratamos de discutir la posibilidad crítica justificadamente un diseño teórico que supera estas teorías dominantes que no se han dado cuenta de comprender y superar las crisis de la escuela y de la sociedad en su conjunto.

Palabras clave:

¹ Pedagogo, Especialista em Docência do Ensino Superior, Mestre em Gestão e Tecnologias Aplicadas à Educação, Coordenador do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia da Bahia IFBA, Campus de Irecê-Ba, Professor do curso de Pedagogia da Faculdade do Sertão da Bahia- UESSBA. Membro do Grupo de Pesquisa em Gestão Educacional, Trabalho, Tecnologias Sociais e Economia Solidária (GENTTES).

² Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB)-Campus XVI- Irecê/BA; estudante do Grupo de Pesquisa em Gestão Educacional, Trabalho, Tecnologias Sociais e Economia Solidária (GENTTES) e bolsista de iniciação a docência PIBID.

La educación, la emancipación humana, Ciudadanía

Introdução

As nossas vivências, análises e pesquisas a cerca da educação escolar nos levam a perceber que a educação tem sido diretamente afetada dentro da lógica do capital, servindo de forma direta aos interesses do sistema capitalista. Ao analisarmos aspectos do dia a dia da escola e da sociedade capitalista como um todo perceberemos problemas marginais sendo tratados como centrais, buscando desviar o foco central dos problemas.

Só como exemplo, podemos apontar a relação professor-aluno, cada vez menos eficaz e mais conflituosa na sociedade e na escola. Os próprios institutos governamentais apontam déficits na aprendizagem e na aquisição de conhecimentos dos estudantes no Brasil, assim ao nosso ver a situação é mais catastrófica do que parece, pois mesmo nos moldes neoliberais e com todo o seu arcabouço, podemos perceber que devido as crises estruturais a educação capitalista não tem sido eficiente nem pra fazer o que está proposto nos seus projetos.

Tem sido cada vez mais crescente o número de pesquisadores estudando temas como indisciplina, dificuldades de aprendizagem, relação professor x aluno, dentre vários outros. Porém cabe aqui ressaltar que essas questões por melhores que sejam discutidas, não tocam de forma alguma na raiz dos problemas que afetam a educação e a sociedade como um todo. Tais estudos se caracterizam como um paliativo atuando de maneira reformista, propondo modelos de educação voltados para atender a lógica do capital, formando sujeitos passivos na sociedade.

Nesse sentido o nosso trabalho visa discutir e analisar as contradições presentes no currículo e nas teorias dominantes na educação contemporânea. Tomando por base as análises de intelectuais marxistas acerca da educação visando assim demonstrar as contribuições da teoria marxiana para uma educação verdadeiramente emancipadora.

Buscamos aqui discutir a educação no seu plano ontofilosófico apresentando elementos que contribuam para uma crítica às teoria educacional hegemônicas, discutindo os paradigmas dominantes na docência e buscando desta forma proposições críticas á tais modelos.

Partimos de um estudo bibliográfico, no qual analisaremos sob a ótica do materialismo histórico dialético textos, obras e documentos de autores que pesquisaram e pesquisam a educação e sociedade por um viés critico revolucionário.

Como referencial teórico buscamos os clássicos Marx (1986; 2000), Frederich Engels (2000), Pistrak (2002) e Suchodolski (1997), e os contemporâneos Saviani (1994, 2007) Mézáros (2005), Duarte (2007), Tonet (2008) dentre outros que em seus estudos possibilitaram compreender o panorama educacional na atualidade, bem como a sociedade como um todo, pois só é possível compreender a raiz do problema quando tentamos ao máximo entender esse problema em sua totalidade.

Tomamos também como referencia livro Educação para além do capital de István Mézáros, que discuti a questão das possibilidades de uma educação emancipadora, que supere o modelo educacional imposto pela lógica do capital, modelo este presente nas mais diversas teorias no cenário atual da educação. Tal obra nos permite visualizar como as relações estão postas na educação e qual os interesses por traz de tais relações, propondo um modelo que supere tais interesses.

Debruçamos-nos ainda sobre a tese de doutoramento do professor Ivo Tonet, buscando captar alguns limites por ele identificado acerca da categoria cidadania, categoria esta amplamente defendida como sinônimo de liberdade por diversos autores na atualidade em suas teorias pedagógicas e educacionais. Dessa forma aqui compreender aproximar da categoria Emancipação Humana, princípio educacional defendido por Tonet.

As produções teóricas sobre a educação nos tempos atuais.

Vive-se hoje no campo da teoria da educação um verdadeiro bombardeio de teorias que não têm por objetivo entender em sua radicalidade as contradições da realidade. Muitas não tecem crítica alguma à respeito de questões que afetam a humanidade, tratando a educação como se esta fosse separada da vida material e concreta dos sujeitos, ou criticam, porém fica na critica pela critica sem intensão de superação, muito pelo contrario, traz em sua bojo uma teoria critica com uma metodologia reacionária.

Por ser fruto de uma necessidade de reprodução do capital, apresentando em sua forma ideológica, tais teorias pedagógicas denominadas por alguns autores de aprender a aprender, como por exemplo o construtivismo que por muitas vezes se apresentam como verdadeiras receitas prontas para os profissionais envolvidos na educação.

Tais teorias se apresentam de maneira muito sedutora ideologicamente propagada pelas instituições à serviço do capital. Pois ao apresentar, por exemplo, quatro pilares, sete saberes e dez competências, transmitem a falsa ideia de facilidade e harmonia dentro da sala de aula, como se o processo educativo fosse estanque e funcionasse com receitas prontas,

quando na verdade as contradições estão cada vez mais visíveis dentro e fora da escola. Essa concepção teórica que é difundida largamente nas escolas como a Pedagogia de Projetos, e o construtivismo, traz em seu cerne uma intenção de reprodutivíssimo, propondo aos sujeitos uma postura de adaptação ao contexto, passando uma ideia invertida de formar sujeitos críticos, formar pra cidadania, sem sequer tocar nas contradições presente inclusive dentro da escola.

A mesma teoria construtivista que propagou a ideia de conhecimento individualmente construído pelo aluno não tem conseguido explicar e muito menos reverter a crise atual da educação refletida nos altos índices de repetência, indisciplina e evasão, pois não discute a educação como algo intrinsecamente ligado a vida do educando e conseqüentemente ao mundo do trabalho. A proposta seria até interessante, se a realidade material não fosse tão contraditória e não divergissem tanto do que está escrito nas propostas.

Na chamada pós-modernidade boa parte das teorias que discutem a educação e que formulam currículos, projetos, propostas e programas de cunho educacional, são em sua maioria bastante agradáveis e eficientes à lógica do capital, pois não fazem crítica alguma ao modelo social, político e econômico vigente, muito pelo contrário, atua de maneira ideológica que objetiva camuflar e abafar toda e qualquer concepção que vá de encontro a esse modelo.

Nos deparamos atualmente com teorias de caráter construtivista, na qual o aluno é colocado como o próprio construtor de seu conhecimento, sendo que os professores acabam sentindo-se perdidos na sala de aula, pois essa concepção lhe arranca de forma indiscriminada a sua função história que é transmitir às gerações mais jovens o conhecimento historicamente construído e acumulado pelas gerações anteriores. Há ainda outra concepção, calcada na teoria do aprender a aprender, sendo o conhecimento e a emancipação do aluno desprezada, tratando a educação pelo prisma de formação para a cidadania, transformando o educando em um sujeito passivo na história.

Teóricos como o Frances Edgar Morin e o Suíço Philippe Perrenoud, por exemplo, têm sido fervorosamente lidos e discutidos no contexto atual de educação. É importante, porém, observarmos aqui que esses intelectuais da contemporaneidade partem de um fundo teórico que não faz uma crítica radical ao modelo vigente de sociedade, pregando em seu discurso no máximo algumas reformas, estando assim, apresentando um modelo de educação baseado na formação para a cidadania e não para a emancipação humana, Ou seja, modelo conservador, vestindo trajas aparentemente revolucionários.

Criticas às Teorias Pós-modernas da Educação

Nesse contexto histórico-social dominado pela economia de mercado, onde tem predominado a fetichização das coisas, percebemos que a educação está sendo ideologicamente utilizada como forma de reprodução e manutenção da classe dominante, onde algumas teorias educacionais pautam-se em analisar questões que são de caráter secundário e não vão, na maioria das vezes, na raiz dos problemas.

Todas as teorias críticas têm em comum a busca da desfetichização das formas pelos quais a educação reproduz as relações de dominação, pois entendem que isso é fundamental para a própria luta contra essas relações. (DUARTE,2001– p. 12)

Nessa perspectiva é necessário um modelo de educação que propõem a formação de sujeitos capazes de se reconhecerem em sua produção, que compreenda a sociedade em sua essência, que consiga superar os limites da sociedade burguesa.

Levantadas algumas primeiras ideias, ainda que de forma generalizada acerca do panorama da educação na atualidade, passamos a discutir a perspectiva marxista em educação que é radicalmente crítica e oposta ao modelo vigente atualmente dominante.

O papel de uma teoria crítica da educação é dar substância concreta a essa bandeira de luta de modo a evitar que ela seja apropriada e articulada com os interesses dominantes. (SAVIANI 1994 – Pág.)

Há muitos teóricos, embora ainda em número reduzido em relação às demandas do momento histórico vivido pela humanidade, que vêm arduamente desenvolvendo teorias com caráter profundamente revolucionário que já começam a provocar rachaduras na aparentemente sólida e inquestionável lógica do capital.

Essas teorias tomam a realidade concreta como ponto de partida e de chegada, visando uma radical transformação na busca da emancipação humana. No Brasil podemos citar alguns pesquisadores que se alinham e tem produzido trabalhos significativos nessa perspectiva da emancipação humana, visando romper com a lógica do capital. Dermeval Saviani, Newton Duarte, Ivo Tonet, Sergio Lessa dentre outros que tem dado importantes contribuições no que se refere à formulação de uma teoria educacional articulada à totalidade social defendendo a categoria emancipação humana em contraposição a formação para a cidadania e para a “democracia”.

Estudar as proposições marxistas acerca da educação exige, em nosso entendimento, partir de algumas categorias centrais da dialética. De acordo com Lênin (1971), no materialismo histórico-dialético, a prática humana é apresentada como o critério de validade do conhecimento, pois, ela atesta a objetividade deste, e para Marx a realidade do pensamento, não pode ser pensada separadamente da prática social.

Ao nos reportarmos à história da sociedade ocidental, perceberemos que esta não se deu de forma harmônica e linear, por vários momentos permeou-se conflitos de cunho social político e ideológico, onde as lutas de classes foram constantes. Temos concordância com Marx e Engels ao afirmarem que:

A história de todas as sociedades que já existiram até hoje, tem sido a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, barão e servo, mestre de corporação e companheiro, numa palavra, opressores e oprimidos, em constante oposição, tem vivido numa guerra ininterrupta, ora aberta, ora disfarçada: uma guerra que sempre terminou ou por uma transformação revolucionária de toda a sociedade, ou pela destruição das classes em luta. (MARX – 98 Pág. 76, 76)

Essa análise das lutas de classes no decorrer da história, nos proporciona grandes possibilidades de compreendermos a direção dada à escolarização dos trabalhadores, que em vários momentos da história foram treinados pra desenvolver atividades de manutenção do sistema.

Não é novidade afirmar que existem qualidades de educação diferente para classes sociais diferentes. István Mészáros (2005) analisa essas contradições da sociedade capitalista no que se refere à educação.

A educação institucionalizada, especialmente nos últimos 150 anos, serviu – no seu todo – ao propósito de não só fornecer os conhecimentos e o pessoal necessário à máquina produtiva em expansão do sistema do capital, como também gerar e transmitir um quadro de valores que legitima os interesses dominantes, como se não pudesse haver nenhuma alternativa à gestão da sociedade, seja na forma “internalizada” (isto é, pelos indivíduos devidamente “educados” e aceitos) ou através de uma dominação estrutural e uma subordinação hierárquica e implacavelmente impostas. A própria História teve de ser totalmente adulterada e de fato frequentemente e grosseiramente falsificada para esse propósito. (MEZAROS 2000)

Este fosso que separa o acesso aos saberes e a produção do conhecimento entre as classes têm íntima relação com a organização social do trabalho.

Se partirmos, com Marx, do ato do trabalho como aquele ato que funda o ser social, veremos que ele é uma atividade eminentemente social. Portanto, uma atividade que exige a cooperação entre os indivíduos, qualquer que seja a forma que esta cooperação assuma. Por outro lado, também perceberemos que não nascemos humanos, mas nos tornamos humanos. Que não são leis biológicas que nos dizem o que devemos fazer para atender as nossas necessidades, mas que isto se dá pela apropriação daquilo que se tornou patrimônio do gênero humano. É neste momento que descobrimos a natureza e a função social da educação. Cabe a ela, aqui conceituada num sentido extremamente amplo, a tarefa de permitir aos indivíduos a apropriação dos conhecimentos, habilidades e valores necessários para se tornarem membros do gênero humano.(TONET 2002 Pág.4)

Compreendemos o trabalho como o ato fundante do ser social, isso significa dizer que na concepção marxista, trabalho e ideologia (portanto educação) têm uma estreita relação.

O trabalho enquanto categoria fundante é compreendido como uma mediação direta entre o homem e a natureza, sendo a educação compreendida como uma mediação entre o indivíduo e a sociedade, pois segundo Tonet (2001) “atividade educativa contribui para a construção do indivíduo como indivíduo humano.”

Nessa perspectiva, o trabalho é para o homem o fundamento da sua constituição histórica e social. Por isso, não existe nada no ser social que não seja passivo de transformação e de mudança, onde a totalidade do ser é o resultado dos atos humanos mediados pelo trabalho.

Tanto para Marx, quanto para Lukács, é por intermédio do trabalho que se realiza o salto ontológico do ser natural para o ser social. Essa constatação de que o trabalho é o fundamento ontológico do ser, nos leva a confirmar que todas as outras dimensões da sociabilidade, em qualquer momento da história, sempre têm sua origem a partir do trabalho. O que para Tonet (2002), significa que entre o trabalho e as outras dimensões, existe uma relação de dependência ontológica e autonomia, sendo que para ele a importância desta constatação marxiana dificilmente pode ser suficientemente enfatizada. Ficando, porém, clara quando se vê que todos os autores que contestaram e contestam esta prioridade ontológica do trabalho, terminam por assumir a defesa da sociedade capitalista como sendo a forma mais elevada possível de sociabilidade humana, a única, aliás, que estaria aberta ao aperfeiçoamento constante.

Em uma organização social em que os homens são produtores de mercadorias e conseqüentemente, de mais-valia, a educação será utilizada como instrumento reprodutor de valores, filosofias e práticas individualistas.

É justamente fundamentada nessa ideia de manutenção, bastante criticada por intelectuais socialistas, que a maioria das teorias dominantes na educação dos países capitalistas, sejam eles desenvolvidos ou em desenvolvimento, fundamentam-se em discutir questões que não tocam na radicalidade dos problemas sociais e conseqüentemente acabam por camuflar a realidade concreta dos fatos.

Na medida em que a escola não é um fim absoluto, também não pode ter finalidades educacionais absolutas, e por isso mesmo não teria condições de criar uma individualidade harmônica abstrata, baseando-se em métodos invariáveis ditados pela ciência da criança (psicologia e pedagogia) para realizar seus objetivos. A escola refletiu sempre seu tempo e não podia deixar de refleti-lo; sempre esteve a serviço das necessidades de regime social determinado e, se não fosse capaz disso, teria sido eliminada como um corpo estranho inútil. (PISTRAK, p.29)

A teoria marxista tem dado sustentação a muitos empreendimentos, tanto em nível de pesquisa em Educação, quanto da efetiva prática pedagógica, e é justamente essa prática pedagógica fundamentada no materialismo histórico-dialético que acreditamos ser possível contribuir para uma formação humana omnilateral³ e não unilateral.

Em vários períodos, a educação foi e ainda é atropelada por teorias que não explicam a realidade, promovendo um distanciamento tanto dos professores quanto dos educandos de reflexões, metodologias e organização de atividades educativas na escola, numa perspectiva emancipatória. Aqui é questionada a teoria do aprender a aprender, propagada pela lógica da pós-modernidade que invade as escolas sob a tutela do neoliberalismo.

Esse trabalho tem a intenção de discutir e apresentar uma nova alternativa teórico-metodológica que venha a contribuir para uma pedagogia que participe de forma real e efetiva em uma verdadeira emancipação humana, pois o que se percebe atualmente é uma pedagogia altamente contaminada por pensamentos que tem em sua raiz uma intenção de promover a manutenção desse modelo que oprime e explora os trabalhadores.

Os sinais de que a educação atual tem sofrido dentro desse modelo, pode ser percebida em vários aspectos, inclusive na conflitante relação professor-aluno e na indisciplina tão discutida em trabalhos acadêmicos dentro e fora das universidades.

Um sintoma dessa crise teórica sofrida pela educação atual dentro desse modelo pode ser percebido em vários aspectos: nas relações de trabalho, na terceirização dos serviços nas

³ A omnilateralidade é, portanto, a chegada histórica do homem a uma totalidade de capacidades produtivas e, ao mesmo tempo a uma totalidade de capacidades de consumo e prazeres, em que se deve considerar, sobretudo o gozo daqueles bens espirituais, além dos materiais, e dos quais o trabalhador tem estado excluído em consequência da divisão do trabalho. (MANACORDA, 1991, p.81)

instituições de Ensino, no aligeiramento de algumas formações e inclusive nas conflitantes relações social, tão discutida nas academias.

A formação curricular e as propostas pedagógicas vigentes de forma dominante nas escolas e nas universidades, por mais que sejam discutidas e apresentadas com “bem intencionadas” não tocam na raiz dos problemas que assolam a educação e a sociedade, pois, todos esses problemas existentes nas instituições de ensino e na sociedade atual advêm do modo de produção econômico vigente que se mascara em teorias ditas progressistas e mantem o status quo vigente.

Neste sentido, tomamos por base a concepção Marxista de análise e pautados no Materialismo, Histórico-dialético buscamos demonstrar como as teorias pedagógicas institucionalizadas e atualmente vigentes na educação estão cada vez mais a contribuir pra a alienação e manutenção do modelo econômico vigente, institucionalizando nas escolas e na sociedade como um todo a competitividade exacerbada e o empreendedorismo, termos muito marcantes na sociedade de mercado obediente à logica do capital.

Emancipação humana e a educação

No conceito de emancipação humana abordado pelo professor Ivo Tonet encontraremos abertamente uma defesa da liberdade plena do sujeito, sendo este conceito de liberdade humana, diametralmente oposto, à aquele propagado pela ideia de cidadania plena, tão presente na lógica do capital. Por liberdade plena podemos compreender “o grau máximo de liberdade possível para o homem”, pois segundo esse autor, essa liberdade plena não pode ser entendida como liberdade absoluta, perfeita, definitivamente acabada, pois, essa idéia seria contraditório em relação à própria definição do ser social como um processo interminável de autoconstrução”.

O que, de fato deve ser buscado é a emancipação humana. Esta, porém, é algo muito distinto da cidadania e da totalidade da emancipação política. A emancipação humana, ou seja, uma forma de sociabilidade na qual os homens sejam efetivamente livres, supõe a erradicação do capital e de todas as suas categorias. Sem esta erradicação é impossível a constituição de uma autêntica comunidade humana. E essa erradicação não significa, de modo algum, o aperfeiçoamento da cidadania, mas, ao contrário, a sua mais completa superação. Como diz Marx, nas glosas Críticas, há uma distância infinita entre o cidadão e o homem, assim como entre a vida política e a vida humana. (TONET 2003 Pág. 3)

Cabe aqui ressaltar que compreendemos a emancipação humana como sinônimo de sociedade comunista, portanto algo infinitamente mais complexo e superior à liberdade, diferenciamos ainda essa emancipação humana daquela concepção de formar sujeitos emancipados e livres, tão defendida na concepção e nos manuais neoliberais, pois ao contrário dessa ideia neoliberal vinculada ao conceito de cidadania, para TONET (2002) “a verdadeira emancipação humana é o objetivo final da luta dos trabalhadores”

Após uma fundamentada explicação a cerca da efetiva emancipação humana, TONET (2004) deixa claro que cidadania pode sim ser considerada liberdade, porém, segundo ele uma forma histórica particular da liberdade, única forma possível sob a regência do capital. O que deve ser combatido em qualquer concepção que pauta-se no Materialismo Histórico-dialético é a falsa concepção de que a luta pela cidadania tem um caráter revolucionário, o que não é verdade, pois, se assim fosse esse conceito não seria tão defendido pela classe hegemônica. Outro ponto é o que aborda a cidadania como horizonte máximo para a humanidade, colocando por terra todas as discussões sobre a emancipação humana.

A emancipação humana deve ser compreendida como elemento norteador das lutas na esfera da produção, partindo sempre de uma ideia de superação do capitalismo, pois, a partir desse ponto todas as outras lutas poderão assumir um caráter eminentemente revolucionário.

Formação humana e atividades educativas emancipadoras

A questão da formação humana ocupa um espaço considerável na obra de Tonet (2002). Em alguns momentos de sua obra ele chega a questionar o que realmente venha a ser essa formação humana, perguntando-nos, inclusive se esse conceito pode ser definido de modo a que seja um ideal válido para todos os tempos e lugares. E pergunta ainda o que significaria isso, hoje, questionando como articular a atividade educativa com uma formação humana integral.

Desde o modelo grego de educação, perceberemos uma concepção altamente fundamentada na unilateralidade, onde, educar aparecia como meio capaz de cultivar e desenvolver o espírito dos membros da classe dominante, sendo assim deixada de lado a discussão sobre o trabalho, havendo uma total dicotomia entre formação do homem e transformação da natureza.

A concepção de formação humana defendida nesse trabalho rompe com essa histórica dicotomia entre formação do espírito e da matéria, que tem colocado em campos separados objetividade e subjetividade, interioridade e exterioridade. Aqui, as discussões partem de uma perspectiva marxista, pois, toma-se como base o trabalho enquanto categoria fundante do ser social, onde, segundo Marx (2001), esse ser, define-se pela sua práxis e não pela espiritualidade.

Na última parte de sua tese de doutoramento, com o título: “Requisitos para uma prática educativa emancipadora”, o professor Ivo Tonet (2007), reafirma que o objetivo último da educação deve ser a emancipação humana, pois esta é sinônimo de liberdade plena. Após todas essas exposições sobre a emancipação humana, Tonet faz o seguinte questionamento: “posta a emancipação humana como objeto maior da educação neste momento histórico, em que consiste uma atividade educativa emancipadora e de que modo este objeto último influencia a realização da atividade educativa?”

A partir desse questionamento, Tonet aponta cinco requisitos, procurando responder, segundo ele, com um caráter genérico e cauteloso, aos questionamentos formulados.

Aponta como primeiro requisito a clareza que devemos ter a cerca do fim último a ser alcançado através da atividade educativa, pois esse fim é quem qualificará os objetivos buscados, sendo necessário dominar com amplitude e profundidade o conjunto das questões que permitem sustentar a emancipação humana como objetivo maior da humanidade.

Outro segundo requisito também de igual importância é a apropriação do conhecimento a respeito do processo histórico real em suas dimensões universais e particulares, pois é necessário se está fundamentado para poder da conta de um processo educativo que se desenvolve em um mundo historicamente determinado e em situações concretas, compreendendo que uma ação educativa eficaz em direção a emancipação humana tem que nutrir-se de um efetivo conhecimento do processo real, não sendo o bastante a apropriação do saber produzido pelas ciências sociais, sendo, portanto, necessário buscar um saber de base ontológica, fundado no princípio da totalidade, paralelo com a idéia de que o processo de produção material é a matriz ontológica do ser social. Contudo é necessário, não apenas apresentar um novo saber, mas principalmente fazer uma crítica ao saber produzido na perspectiva dominante, construindo assim um saber com um caráter radicalmente crítico.

O terceiro requisito está em conhecer a natureza específica da educação, sendo necessário este conhecimento para garantir um cumprimento da função específica desta educação na construção da já referida, nova forma de sociabilidade. Pois para Tonet não é

qualquer conceito de educação que converge com o objetivo da emancipação humana, onde apenas um conceito ontologicamente fundamentado pode ser coerentemente articulado com tal objetivo.

Um quarto requisito necessário a essa prática educativa emancipadora está no domínio dos conteúdos específicos, próprios de cada área do saber, pois de nada adianta, para as classes populares, que o educador tenha uma posição política favorável a elas se o seu saber for medíocre. Pois, aqui, para Tonet a efetiva emancipação da humanidade implica a apropriação do que há de mais avançado em termo de saber e de técnica produzido até hoje. Dentro dessa concepção a tarefa educativa é muito mais ampla do que a produção e difusão do saber. Implicando também a formação de concepção de mundo, valores, atitudes e comportamentos.

No quinto e último requisito, Tonet ressalta que para uma efetiva prática educativa emancipadora, é necessário uma efetiva articulação da atividade educativa com as lutas desenvolvidas pelas classes subalternas, sendo também necessário articular essa educação com o trabalho dessa classe.

Considerações finais

Buscamos aqui discutir a educação no seu plano ontofilosófico tendo por objetivo apontar possibilidades que supere essa lógica vigente, objetivando uma educação para a Emancipação Humana e apontando elementos para uma crítica aos rumos das teorias educacional dominantes na atualidade.

Fazemos uma discussão e análise dos paradigmas dominantes na docência na atualidade, Pontuando algumas possibilidades acerca de uma educação para além do capital e apresentamos as formulações de alguns intelectuais Marxistas acerca dessa educação que supere a unilateralidade burguesa.

Debatemos alguns trabalhos que discute a importância de se pensar uma educação que atue de forma crítica revolucionária frente às contradições sociais, políticas e econômica tomando como base o materialismo histórico dialético que tem em seu fundamento uma abordagem ontológica da realidade.

O aprofundamento das discussões critica a respeito das teorias pedagógicas hegemônicas se caracteriza também como uma resistência a esse modelo educacional que nos

impõem os ideias dominantes, visando a manutenção desse sistema desumano, sempre pautado nos interesses econômicos.

Precisa-se pensar a sociedade tendo como fim o bem estar social dos seres humanos, e a emancipação humana desses sujeitos produtores da vida, para que os mesmo possam atuar de maneira omnilateral, construindo em harmonia com a natureza, respeitando os limites do homem físico e espiritual, afinal em uma sociedade o elemento fundante é o homem e não o capital.

REFERÊNCIAS

- BIANCHETTI, Roberto G. **Modelo Neoliberal e política Educacionais**. São paulo: Cortez, 2001.
- DUARTE, Newton. **Educação Escolar, Teoria do Cotidiano e a Escola de Vigotsky**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- LESSA, S. **Para Alem de Marx? : Crítica da Teoria do Trabalho Imaterial**. São Paulo: Xamã, 2005.
- MARX, K. **Manuscritos Econômico-filosóficos**. México: Grijalbo, 1986.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã I**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1986.
- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global, 2000.
- MÉSZÁROS, I. **A Educação Para Além do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2005.
- PILETTI, Nelson. **História da Educação no Brasil**. São paulo: Editora Ática, 2002.
- PISTRAK, M. **Fundamentos da Escola do Trabalho**. São paulo: Expressão Popular, 2000.
- RABELO, Jackline, SEGUNDO, Maria das Dores Mendes(Orgs). **Anais do 2º Encontro Regional – Trabalho, Educação e Formação Humana**. Fortaleza: UECE, 2007.
- SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. Campinas, São Paulo : Mercado de Letras, 1994.
- SAVIANI, D. **Da Nova LDB ao FUNDEB: Por uma Política Educacional**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.
- SUCHODOLSKI, Bogdan. **A pedagogia e as grandes correntes filosóficas: a pedagogia da essência e a pedagogia da existência**. 4ª Ed. Lisboa: Livros Horizontes, 1992.
- TONET, I. **Democracia ou liberdade?** Maceió: Edufal, 1997.

TONET, I. **Educação, cidadania e emancipação humana**. Ijuí: Unijuí: 2005